

WhatsApp e violência urbana nos telejornais: fluxo de flagrantes, desafios e novas rotinas profissionais

Aline Grupillo

Universidade da Beira Interior, LabCom - Comunicação e Artes, Covilhã, Portugal
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0917-4704>

Joaquim Paulo Serra

Universidade da Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes da, Covilhã, Portugal
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7821-3880>

Resumo

Neste artigo, nosso objetivo é compreender vantagens e desafios da utilização do WhatsApp na produção telejornalística, especialmente na cobertura da violência urbana, com o propósito de discutir em que medida o fluxo de imagens que permeia o app afeta as rotinas profissionais. O WhatsApp tornou-se um dos aplicativos mais populares do mundo para o envio e recebimento de texto, som e imagem e os telejornais também exploram a sua instantaneidade a fim de conseguir flagrantes de violência, especialmente de regiões de conflito armado, hostis à presença de repórteres. Este estudo centra-se nos processos produtivos que envolvem a ferramenta. Em termos metodológicos, procedemos à observação dos noticiários locais das quatro principais emissoras de TV brasileiras e realizamos 13 entrevistas em profundidade com jornalistas. No geral, os jornalistas valorizam os flagrantes enviados pelo WhatsApp, pois a ferramenta se tornou fundamental para o preenchimento dos noticiários, permitindo acessar imagens de eventos de violência de territórios conflagrados hostis à cobertura da imprensa tradicional, sem falar do potencial dos flagrantes para atrair a audiência. Mas, o fluxo intenso e multidirecional de imagens exige mais trabalho dos profissionais nos processos de apuração, o desenvolvimento de novas rotinas laborais e o dilema entre exibir ou não conteúdos não totalmente verificados.

Palavras-chave

WhatsApp; violência urbana; flagrantes; telejornalismo

1 Introdução

“[...] o WhatsApp aqui a sua disposição, direto. Olha, você pode mandar imagens o dia inteiro, não é só quando o programa está no ar, não. Você pode mandar o dia inteiro, 24 horas tem gente na redação pra te atender” (Cidade Alerta Rio, 2020). “[...] essa é uma reportagem que a gente mostra porque uma pessoa mandou as imagens pra gente. A galera pode mandar #BDRJ e tem o zap também [...] A gente tá com o computador aberto, recebendo todas as mensagens. Manda que a gente mostra” (Bom Dia Rio, 2020).

Os dispositivos móveis e as tecnologias de informação e comunicação têm alterado não somente o modo como os indivíduos são chamados à atuar na coprodução das notícias, como também as práticas profissionais dos jornalistas, fazendo emergir desafios, novas rotinas, dilemas e tensões. De maneira geral, os dois trechos destacados acima, recolhidos durante a exibição dos noticiários *Cidade Alerta Rio* (RecordTV) e *Bom Dia Rio* (Rede Globo), mostram como os entrelaçamentos entre as novas tecnologias e as práticas sociais e profissionais reconfiguraram as rotinas de produção no interior das redações. De maneira específica, também indicam o grau elevado de importância atribuído pelos jornalistas, especialmente os de televisão, ao aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, o que está relacionado com o desejo de obterem informações e imagens, sobretudo flagrantes da violência urbana, para a elaboração dos telejornais.

Por outro lado, as citações revelam a necessidade de uma adaptação do trabalho nas salas de imprensa a fim de manter a comunicação com as pessoas para receber e processar o conteúdo enviado, já que estar atento “o dia inteiro” com “o computador aberto” exige, minimamente, novas formas de divisão e distribuição de tarefas, o aperfeiçoamento de diferentes mecanismos de apuração e até a implementação de tecnologias que permitam os jornalistas filtrar as mensagens por temas, formatos, localização e conteúdo. Sendo assim, o objetivo deste artigo é compreender vantagens e desafios da utilização do *WhatsApp* na produção telejornalística, especialmente na cobertura da violência urbana, com o propósito de discutir em que medida o fluxo de imagens que permeia o app afeta as rotinas profissionais.

O WhatsApp é usado por dois bilhões de usuários em 180 países. Para termos uma noção do seu alcance no Brasil, entre os brasileiros que possuem telefones inteligentes, o aplicativo responde por 58% da comunicação diária, o que força os jornalistas a também o inserirem às suas rotinas laborais (WhatsApp, c2023). Trabalhos recentes têm procurado observar o uso do aplicativo na apuração, produção e compartilhamento de conteúdo nas coberturas de política e economia (Schuch; Jorge, 2022), a agilidade que confere às produções

jornalísticas radiofônicas e não só (Angeluci; Donato; Scolari, 2017), e até ao modo como o app é usado para distribuir conteúdo jornalístico (Giacomelli, 2020), ao mesmo tempo em que pode limitar determinadas coberturas devido ao envio de informações uniformizadas pelas assessorias de imprensa (Cavalcanti, 2016). Fort e Branco (2021, p. 3) descobriram que a ferramenta transformou o modo como os jornalistas constroem notícias e chegam ao público, e denominaram esse tipo de produção de “Jornalismo de WhatsApp”.

Em outros estudos, porém, o WhatsApp é observado com preocupação pelo potencial disseminador de desinformação (Canavilhas; Colussi, 2022). Por ser uma rede fechada, na qual as mensagens costumam circular entre grupos de pessoas próximas como amigos, familiares e conhecidos, a ferramenta amplia a confiança em conteúdos não verificados (Pereira; Coutinho, 2022). O aplicativo foi um dos principais canais para a difusão de informações falsas durante a pandemia de covid-19 no Brasil, por exemplo (Gehrke; Benetti, 2021) e os conteúdos em formato de vídeo e texto com imagem tendem a prevalecer em relação aos demais formatos, alcançando milhares de compartilhamentos, como observado nas eleições de 2018 (Dourado, 2020).

Diante desse cenário complexo, procuramos compreender quais desafios a utilização do WhatsApp impõe às rotinas profissionais dos produtores, editores e repórteres de televisão, de que maneira isso reconfigura as funções nas redações, quais estratégias os jornalistas adotam para lidar com o fluxo multidirecional e contínuo de flagrantes que recebem e o mais importante, como (ou se) conseguem fazer a verificação de todo o conteúdo imagético com o qual entram em contato na elaboração das (tele)notícias.

Em termos metodológicos, a fim de perceber algumas das dinâmicas que envolvem a utilização do WhatsApp nos telejornais e averiguar a importância e o modo de apresentação dos flagrantes enviados pelo *app*, procedemos à observação das edições locais dos noticiários das referidas emissoras por um período de seis meses, entre 15 de junho e 15 de dezembro de 2021. A partir dos pressupostos da entrevista em profundidade (Duarte, 2005), conscientes de que os jornalistas compõem um grupo de fontes diferenciadas (Temer; Tuzzo, 2017), entrevistamos um conjunto heterogêneo de 13 jornalistas atuantes em funções diversas na hierarquia das redações e com o tempo de exercício profissional amplo, nas quatro principais emissoras de televisão brasileiras, no Rio de Janeiro: Rede Globo, Record TV, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Band.

Este estudo apresenta parte dos resultados da pesquisa de doutorado em fase de conclusão na Universidade da Beira Interior, em Portugal. O trabalho oferece uma contribuição

relevante na medida em que considera práticas profissionais que ainda podem ser analisadas e discutidas no que diz respeito às relações entre jornalista e público, no contexto do uso das plataformas digitais. Outro fator importante é que a violência urbana é um problema comum aos cidadãos brasileiros, sendo o Rio de Janeiro uma espécie de estado de reverberação dessa violência, amplamente representada através das matérias televisivas seja nos noticiários locais ou nacionais.

2 Adaptações e desafios metodológicos

Observamos os noticiários locais das quatro estações de televisão aqui apresentadas, entre os meses de junho e dezembro de 2020 e procuramos perceber quais emissoras faziam uso institucional do WhatsApp para a produção jornalística, como divulgavam o número de telefone, de que maneira repórteres e apresentadores costumavam chamar o público para “participar” através do envio de flagrantes pela ferramenta. Além disso, também observamos como os jornalistas atribuíam importância à ferramenta durante as transmissões, se identificavam, por exemplo, quem enviou o vídeo ou se revelavam de alguma forma os processos de apuração daquilo que recebiam.

A ideia inicial desta pesquisa consistia na realização de uma etnografia das redações de televisão, com o propósito de acompanhar presencialmente o trabalho dos jornalistas que fazem uso do WhatsApp no seu cotidiano de produção. Contudo, este trabalho foi realizado em um contexto adverso de pandemia de covid-19 em que o distanciamento social tornou-se imperativo e obrigatório. Desde 2020, portanto, a maior parte das empresas tem procurado restringir a visita do público em geral, o que afeta também as pesquisas nas redações. Por isso, nossas entrevistas tiveram que ser feitas a distância por meio de plataformas de transmissão e gravação de áudio e vídeo como *Google Teams*, *Zoom* e *Skype*. Embora tenhamos consciência da importância do “encontro etnográfico” (Oliveira; Fonseca, 2014), acreditamos que esta adaptação metodológica não invalida os resultados da investigação.

Duarte (2005, p. 1) ressalta que a entrevista individual em profundidade se tornou a forma clássica de explorar um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiência dos entrevistados/informantes para, então, analisá-las e apresentá-las de maneira estruturada. Uma das principais qualidades desta abordagem está na flexibilidade, pois permite o entrevistador ajustar as suas perguntas ao passo que deixa o entrevistado livre para definir o tempo das respostas. Na visão de Stokes e Bergin (2006), essa liberdade oferece as condições para o entrevistado expressar suas crenças e sentimentos sobre determinado

assunto, por isso as entrevistas levam a uma maior contextualização e aprofundamento da investigação.

Para Boyce e Neale (2006), a técnica permite combinar experiências vividas, histórias de vida, compreender os efeitos que as mudanças espaço-temporais e sócio-históricas produzem nas crenças e valores dos indivíduos, motivando e justificando as suas ações. Desse modo, “[...] as narrativas permitem ir além da transmissão de informações ou conteúdo, fazendo com que a experiência seja revelada, o que envolve aspectos fundamentais para compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto no qual ele está inserido” (Muylaert *et al.*, 2014, p. 198).

Depois, cabe ao pesquisador explicar os discursos, “[...] decodificar-lhes o sentido, interpretá-los, aproximando a definição inicial do seu objeto com o real encontrado” (Lalanda, 1998, p. 874-875). A partir das categorias de interlocutores elencadas por Duarte (2005), entendemos os jornalistas como informantes-chave, pois as suas experiências e o conhecimento específico acumulados no exercício profissional de produção noticiosa os distingue de outras fontes, não sendo possível substituí-los sem que haja a perda na qualidade das informações obtidas. Em contrapartida, após analisar diversos estudos científicos baseados na memória dos jornalistas, Temer e Tuzzo (2017, p. 459) argumentam que estes agentes desempenham sua profissão nos limites de uma ética rigorosa, sem deixarem de estar sujeitos às pressões do mercado e às condições de uma produção capitalista que envolve, de um lado, a comercialização da sua força de trabalho e, de outro lado, a busca pelo lucro das empresas onde atuam. Sendo assim, os jornalistas ocupam um lugar diferenciado, algumas vezes privilegiado, porque também são produtores de informação.

Para este trabalho, a abordagem aos informantes foi, inicialmente, feita a partir de suas próprias redes sociais digitais, através de mensagens de texto nas quais procuramos apresentar a investigação, bem como o contexto de seu desenvolvimento e objetivo. Intencionalmente, os primeiros jornalistas a serem contactados ocupavam cargos de chefia, caracterizados pelo poder decisório nos processos produtivos da notícia. Esses profissionais indicaram parte dos demais informantes, que, por sua vez, auxiliaram na ponte e contato com outros colegas. Ao todo, 14 jornalistas foram contactados e convidados a participar da pesquisa. Apenas um deles, ocupante do cargo de chefe de reportagem na Rede Globo, não respondeu os convites.

As entrevistas foram gravadas entre os dias 12 de fevereiro e 18 de março de 2021, e tiveram duração média de uma hora. Todos os participantes declararam verbalmente a

aceitação das gravações e assinaram um termo de consentimento que permite o uso das entrevistas para fins científicos. Embora todos os participantes tenham aceitado ser identificados, optamos por preservar as suas identidades. Assim, utilizaremos nomenclaturas como Jornalista 1/Informante1, segundo a ordem de realização das entrevistas (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil dos informantes

Informantes	Idade	TV	Função	Tempo de profissão
Jornalista 1	63	SBT	Chefe de Reportagem	46 anos
Jornalista 2	51	GLOBO	Produtora	27 anos
Jornalista 3	30	GLOBO	Editor de texto	6 anos
Jornalista 4	27	GLOBO	Repórter	6 anos
Jornalista 5	38	RECORD	Editor de texto	13 anos
Jornalista 6	52	RECORD	Sub-Chefe de Reportagem	17 anos
Jornalista 7	45	SBT	Repórter	12 anos
Jornalista 8	37	BAND	Chefe de Reportagem	15 anos
Jornalista 9	25	RECORD	Produtora	5 anos
Jornalista 10	25	SBT	Produtor Digital	6 anos
Jornalista 11	29	RECORD	Editor de texto	7 anos
Jornalista 12	23	BAND	Coordenadora de produção	6 anos
Jornalista 13	41	SBT	Produtor	15 anos

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nas características das atribuições e na experiência e vivência destes profissionais, acreditamos ter conseguido identificar alguns dos procedimentos específicos que compõem a produção da (tele)notícia no contexto das tecnologias móveis e das plataformas digitais. Dos 13 entrevistados, cinco são mulheres e oito são homens. No total, quatro dos informantes trabalham em funções sêniores que envolvem a chefia e coordenação de áreas da produção e reportagem, os demais (nove) atuam em funções menos elevadas na escala hierárquica das organizações. O jornalista mais jovem tem 23 anos e o de maior idade tem 63.¹ Todos utilizam o WhatsApp nas rotinas diárias de elaboração das notícias em tarefas que vão desde o contato mais elementar com outros colegas e fontes de informação, até a apuração e a realização de entrevistas.

¹ Neste estudo, priorizamos a análise relacionada às funções e atribuições exercidas pelos entrevistados. Estudos futuros poderão indicar, por exemplo, se o fator geracional é determinante para o modo como estes jornalistas veem e utilizam o WhatsApp na produção noticiosa.

Vale salientar que parte dos jornalistas entrevistados, especialmente os que exercem cargos de chefia e coordenação, trabalham na produção dos telejornais local e também de rede. Isso significa que eles sugerem notícias de destaque local para a exibição nos noticiários nacionais em suas organizações. Assim, casos de violência de grande repercussão ou com imagens chocantes que aconteçam no Rio de Janeiro tendem a virar matéria nos telejornais nacionais. Os núcleos de rede das emissoras pesquisadas ficam em São Paulo e no Rio de Janeiro. O que acontece nesses grandes centros urbanos costuma ser tratado jornalisticamente como a representação daquilo que acontece em todo o país. A violência urbana tende ser um tema valorizado pelo potencial dos flagrantes para atrair a audiência. Por isso, apesar de termos observado os noticiários locais, acreditamos ser possível fazer, neste estudo, uma abordagem geral do fenômeno.

Optamos pelo modelo de entrevistas em profundidade semiabertas, com questões semiestruturadas (Duarte, 2005). O roteiro de perguntas foi dividido em duas partes. Na primeira procuramos obter informações sobre a função, o tempo de experiência profissional, idade, formação acadêmica e a descrição das atividades pelos jornalistas. Na segunda parte, seguimos um roteiro de 14 perguntas que focavam na importância de vídeos flagrantes para as matérias televisivas, a frequência com que essas imagens eram incorporadas aos noticiários, a maneira como os flagrantes chegavam aos jornalistas e os créditos conferidos ao material. Por serem entrevistas semiestruturadas, as perguntas principais geraram outros questionamentos sobre a verificação do material utilizado na elaboração das notícias e até erros ocorridos nos telejornais. Procedemos, assim, a uma análise qualitativa das respostas, ressaltando no estudo aquilo que pode lançar luz à uma maior compreensão das práticas profissionais em contextos desafiadores como o que envolve o uso WhatsApp. As entrevistas somaram 12 horas, 4 minutos e 17 segundos de gravação.

3 WhatsApp e produção de notícia

A instantaneidade e a facilidade de uso de ferramentas como o WhatsApp tornaram as mídias desta natureza extremamente populares em todo o mundo e o jornalismo procurou se adequar a essa realidade. Angeluci, Donato e Scolari (2017) investigaram o impacto da utilização do app em um jornal, uma rádio e uma emissora de TV brasileiras e identificaram que os três veículos reorganizaram suas tarefas diárias na tentativa de atender o fluxo de mensagens dos usuários. Na rádio CBN, um profissional foi designado para monitorar o aplicativo; no jornal *Diário do Grande ABC*, o chefe de reportagem relatou que a ferramenta é

fundamental para a elaboração de pautas, entrevistas e coberturas realizadas a distância; e na TV Globo em São Paulo, o número do WhatsApp é divulgado através de uma arte gráfica, acompanhada do seguinte texto: “você também pode participar enviando sua notícia através do computador ou do seu smartphone” (Angeluci; Donato; Scolari, 2017, p. 209).

Fort e Branco (2021, p. 3) denominaram esse tipo de produção de “jornalismo de WhatsApp”, ao perceberem que a ferramenta transformou a maneira como os jornalistas construíam notícias e chegavam ao público. A mudança é de tal ordem que, durante a interrupção do serviço por oito horas, no dia 4 de outubro de 2021², os profissionais de imprensa precisaram recorrer a outros arranjos e redes sociais para realizar entrevistas, obter dados e gerar notícias que explicassem o que estava acontecendo.

Diante destas novas configurações, também as assessorias de imprensa de órgãos públicos, empresas, entidades, forças de segurança, corpo de bombeiros e departamentos de trânsito criaram grupos específicos no WhatsApp a fim de aproximar as fontes institucionais e oficiais dos jornalistas. No caso particular das polícias, de acordo com o interesse da imprensa, as assessorias orientam os agentes na produção de áudios, fotos e vídeos que serão instantaneamente disponibilizados aos integrantes dos grupos. Cavalcanti (2016) acredita que dinâmicas como esta acabam favorecendo os repórteres mais jovens, inexperientes e com menos fontes qualificadas, uniformizando a informação e o conteúdo que será transformado em notícias.

Mesmo em coberturas voltadas para a política e a economia, o aplicativo de mensagens se tornou imprescindível para a apuração, produção e compartilhamento de conteúdo entre os jornalistas. Ao acompanhar um dia de trabalho de repórteres de rádios *all news* em Brasília, Schuch e Jorge (2022) perceberam que os profissionais participam de dezenas de grupos e listas de transmissão. Se, de um lado, isso lhes permite acelerar a elaboração das notícias, de outro lado, aumenta as responsabilidades, a carga de trabalho e a preocupação com a homogeneização das matérias, já que todos têm acesso a praticamente os mesmos áudios, fotografias e documentos. Assim, para os repórteres, a mediação tecnológica apresenta pontos positivos, mas também negativos como a perda do contato presencial com os entrevistados, o que diminui as chances de questionar incoerências nas respostas.

Todas essas questões inerentes à utilização do WhatsApp na produção noticiosa parecem apenas alguns dos efeitos de transformações ainda maiores no campo do jornalismo.

² Uma pane mundial deixou os aplicativos Facebook, Instagram e WhatsApp fora do ar durante seis horas. Estima-se que o “apagão” tenha gerado a perda de seis bilhões de dólares em ações das empresas de Mark Zuckerberg. O problema foi destaque nos principais periódicos e meios de comunicação em todo o planeta (Castro; Castro, 2021).

Mais comum entre projetos de jornalismo independentes e arranjos de mídia alternativos, as redações virtuais, por exemplo, representam os novos espaços de comunicação e trabalho para jornalistas e não jornalistas, onde dialogam, distribuem conteúdo, planejam estratégias de divulgação e estabelecem dinâmicas de organização laboral (Marques; Kinoshita; Moliani, 2018).

A internet, os aplicativos e as plataformas digitais são essenciais para essas iniciativas, que obviamente contam com a mobilidade das tecnologias de comunicação e informação para a execução de suas tarefas. Isso nos leva a outro ponto que diz respeito à diluição das fronteiras entre o público e o privado e à crescente precarização do trabalho qualificado de produção de informação e do conhecimento. Tais mudanças sugerem que as práticas jornalísticas não têm sido necessariamente renovadas para melhor. Considerando essas alterações como resultado do capitalismo de plataforma, Figaro e Marques (2022) explicam que, através dessas reconfigurações, os conglomerados tecnológicos se valem de informações jornalísticas com grande valor agregado, atraindo anunciantes, consumidores e investimentos, quase sem nenhuma contrapartida para os seus produtores. Em outras palavras, nas redações virtuais, o perfil do jornalista é polivalente, multitarefa, engajado e sem limites. Seus participantes excedem a jornada normal de trabalho, muito embora não sejam remunerados pelas plataformas, apesar de as notícias produzidas constituírem “[...] um ativo a ser negociado no mercado político, governamental e publicitário” (Figaro; Marques (2022, p. 111).

No mercado brasileiro, por exemplo, pesquisas têm revelado que uma conjunção de fatores, entre os quais figuram as tecnologias de informação e comunicação, tem provocado o avanço da deterioração dos regimes contratuais com a legalização da contratação de jornalistas autônomos pelas empresas, a chamada “pejotização”, a fragmentação e a intensificação do alongamento da jornada (Mick; Kikuti, 2020) e a substituição de jornalistas veteranos pelos mais jovens por meio de relações de trabalho igualmente precárias (Quesada Tavares; Xavier; Pontes, 2021), acarretando o aumento do abandono da profissão (Pontes; Mick, 2018).

No bojo dessas mudanças, Deuze, Bruns e Neuberger (2007) interpretam o estímulo à participação dos cidadãos no jornalismo como resultado da redução de custos nas redações jornalísticas. Em determinados casos, o envolvimento das pessoas na produção noticiosa pode ser interpretado como reflexo de estratégias comerciais que buscam reconquistar credibilidade e audiência em um cenário complexo de mudanças, instabilidade laboral e enxugamento das redações.

As preocupações não são apenas de ordem econômico-laboral. O cenário contemporâneo de convergência de mídias e disseminação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) pode aumentar o acúmulo de funções pelos jornalistas, comprometendo a qualidade informativa dos noticiários e o próprio papel mediador do jornalista (Kischinhevsky, 2009). Isso é particularmente importante porque informar de modo qualificado é considerada a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas (Reginato, 2020). Nas palavras de Reginato (2020, p. 47), informar com qualidade é mais do que desempenhar um papel mediador, de transmissão da informação. Para ser jornalística, a informação necessita de predicados, deve ser “[...] verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente [...]”, sendo a verificação o requisito essencial da informação jornalística. A apuração e verificação constituem os passos que distinguem o jornalismo do entretenimento, da propaganda e dos gêneros ficcionais. Os jornalistas reconhecem isso, mas nem sempre conseguem o rigor desejado nas práticas diárias (Shapiro *et al.*, 2013). Diante da profusão de desinformação através das plataformas digitais a pergunta clássica se mantém: “Para que serve o jornalismo?” (Kovach; Rosenstiel, 2004).

A pandemia de covid-19 e as eleições de 2018 no Brasil mostraram a relevância das informações de qualidade para a vida dos cidadãos, em momentos de incertezas e ceticismo. As notícias ganharam centralidade enquanto as plataformas digitais desempenhavam papel fulcral na disseminação de desinformação. Segundo Gehrke e Benetti (2021), o WhatsApp foi uma das ferramentas mais utilizadas para a circulação de conteúdos falsos e descontextualizados que, através da mimetização o jornalismo, propagavam dados distorcidos e supervalorizavam os efeitos de medicamentos considerados ineficazes. A possibilidade de personalização e o fato de ser uma rede fechada, com mensagens criptografadas de ponta a ponta, tornam o WhatsApp um ambiente difícil de ser fiscalizado apesar de propício para a viralização de conteúdos falsos (Pereira; Coutinho, 2022).

Em diferentes estudos sobre desinformação, vídeos e imagens complementadas com textos aparecem entre os formatos preferidos pelos criadores e disseminadores de informações falsas. Uma das razões apontadas para tal preferência está no fato de esse tipo de conteúdo poder ser interpretado como “prova de que o fato narrado é verossímil” (Dourado, 2020, p. 241). A preocupação de estudiosos e jornalistas com os vídeos aumenta com o avanço dos recursos à inteligência artificial e as possibilidades de manipulação e montagem de imagens. Como veremos mais adiante, uma das principais dificuldades dos produtores, repórteres e

editores é saber a origem do vídeo, por onde ele circulou, se as cenas são verdadeiras e se correspondem às datas e aos eventos relatados pelos usuários do WhatsApp.

4 Flagrantes e multiplicação de “olhares jornalísticos”

De maneira geral, independente do cargo que possam ocupar na hierarquia das redações, os jornalistas costumam valorizar os flagrantes porque compreendem que esse tipo de registro, por conter valor testemunhal, deixa as notícias mais claras e credíveis, ajudam a contar uma determinada história ou facilitam a construção das narrativas, com impacto na audiência. No jargão jornalístico, o flagrante dá “peso” às matérias.

Por isso, Siqueira (2013) entende que os flagrantes captados pelo cidadão passam a ser considerados um valor-notícia que, ao lado de outros critérios de noticiabilidade, influenciam a escolha dos assuntos a serem transformados em notícia. A diferença, de acordo com a autora, “[...] é que este é um valor-notícia específico, ligado às cenas captadas pelos cidadãos, em locais onde os cinegrafistas profissionais das emissoras de televisão, das assessorias de imprensa e das agências de notícias não estiveram presentes”. Trata-se, portanto, de um “flagrante único” capaz de acrescentar pontos de vista distintos ao trabalho jornalístico (Siqueira, 2013, p. 22).

Semelhantemente, o estudo de Sá (2019) apontou que, apesar de alguns jornalistas ainda parecerem relutantes em admitir a influência direta dos conteúdos dos cidadãos-produtores nas opções editoriais das estações de TV, a maioria tende a apreciar a contribuição do público não apenas pelo valor noticioso, mas sobretudo pelo reconhecimento do impacto que essa contribuição pode causar nos temas retratados nos telejornais. Simplesmente não é possível ignorar uma imagem forte ou uma boa imagem capaz de chamar a atenção do telespectador e garantir uma estratégia de audiência (Bourdieu, 1997). Reis (2018) abordou tal questão ao investigar a atuação dos chamados “cinegrafistas amadores” na cobertura policial dos telejornais.

Mas, afinal, porque os flagrantes ganham destaque, sustentam dezenas de minutos de comentários e são repetidos exaustivamente durante as transmissões dos noticiários televisivos? Olhando particularmente para o potencial dos flagrantes gravados por cidadãos, Polydoro e Costa (2014) acrescentam que o interesse dos noticiários por este tipo de conteúdo está relacionado com o realismo e a transparência das cenas, o que torna tais imagens um fragmento potente, uma espécie de atestado de veracidade de um determinado fato.

Os autores acreditam, no entanto, que deve haver quatro condições essenciais para que o registro do cidadão seja utilizado nas reportagens televisivas: (1) Tem de estar ligado a um

acontecimento – deve ser registrado com a maior proximidade espaço-temporal possível e não deve ignorar possíveis testemunhos e ações relacionadas a ele; (2) Deve se relacionar com a noção de acontecimento e seguir os critérios da noticiabilidade; (3) Tem de possuir qualidade suficiente para que possa ser interpretado e analisado pelos espectadores, mesmo que se tratem de registros espontâneos e rudimentares; e (4) O próprio telejornal não deve possuir imagens ou registros semelhantes aos que os cidadãos estão oferecendo (Polydoro; Costa, 2014).

De qualquer maneira, as tecnologias móveis, o acesso à internet e a posse de aparelhos telefônicos com câmeras multiplicaram os olhares sobre um determinado fato, para além do “olho jornalístico”. Um único evento de violência pode ser gravado de inúmeros ângulos, trazendo diferentes abordagens e interpretações. Cada cidadão torna-se um potencial captador e distribuidor de flagrantes, que agora inundam a rotina dos jornalistas a partir de diferentes direções. As mídias sociais digitais como um todo desempenham um papel central nesta dinâmica, sendo o WhatsApp uma das mais relevantes, como apresentaremos nos resultados a seguir.

5 WhatsApp, fluxo de flagrantes e cobertura da violência

Neste artigo, procuramos compreender vantagens e desafios da utilização do aplicativo WhatsApp na produção telejornalística, mais precisamente na cobertura da violência urbana, com foco no fluxo de flagrantes captados por cidadãos que permeiam o app. Nas quatro emissoras pesquisadas, o WhatsApp faz parte da rotina diária de produção dos jornalistas. Os produtores usam o *app* para contactar fontes, marcar entrevistas, apurar e obter flagrantes interessantes para as notícias. Os chefes de reportagem e a produção costumam passar pautas, informações e coordenar as equipes de rua pelo *app* que, praticamente, substituiu os rádios comunicadores. Entre os editores de texto, o WhatsApp é mais utilizado para passar o texto com os repórteres, transmitir orientações dos editores-chefes e também informações que podem melhorar o conteúdo das matérias, especialmente os detalhes dos flagrantes que vão orientar a coberturas da violência urbana.

Nos últimos anos, esse tipo de cobertura tem apresentado constrangimentos e limitações. O assassinato do jornalista Tim Lopes em 2002 durante a produção de uma reportagem no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, além das mortes dos cinegrafistas Gelson Domingos em 2011 e Santiago Andrade em 2014, ambos da TV Band, em coberturas jornalísticas em diferentes regiões de conflito na mesma cidade, por exemplo, levaram os órgãos

de comunicação, especialmente as emissoras de TV, a implementar protocolos de segurança para salvaguardar seus profissionais e restringir a entrada nas áreas consideradas hostis. Na TV Globo, por exemplo, é proibida a entrada em qualquer zona de confronto, algumas reportagens só podem ser feitas com o uso de carros blindados, os repórteres são orientados a procurar lugares movimentados, com a presença de viaturas policiais que possam lhes oferecer maior proteção e auxílio no deslocamento rápido em casos de tiroteio e uma equipe de segurança passou a fornecer pareceres técnicos antes do trabalho jornalístico em zonas consideradas perigosas (Reis, 2018, p. 78).

Nunes (2017) argumenta que o paulatino distanciamento dos jornalistas dessas áreas, a conseqüente redução da cobertura, juntamente com o desenvolvimento da internet, foram decisivos para o aparecimento de mecanismos descentralizados de comunicação entre os cidadãos a partir do uso de redes sociais como o Facebook. Dessa forma, com o afastamento dos jornalistas das regiões de conflito, as coberturas da violência nessas áreas passaram a depender da interação desses cidadãos, especialmente do envio de flagrantes, como é evidenciado no depoimento do jornalista a seguir:

[...] o jornalista não teria acesso àquele local pra fazer esse tipo de imagem. Até um tempo atrás, eu diria que uns 10, 15 anos, a gente conseguia entrar ainda em comunidades. O jornalista tinha um certo respeito e conseguia entrar nas comunidades com uma certa segurança. É claro que tinha que ter uma autorização de quem manda na comunidade pra gente entrar. Hoje, isso não acontece mais. *Já tem pelo menos uns 10 anos que uma equipe de reportagem não entra mais nas comunidades.* Isso foi proibido tanto pelos donos dos morros, quem manda na comunidade, quanto até mesmo pela empresa que viu que havia já um risco muito grande, não querer colocar os repórteres, os profissionais na situação de risco desnecessária. A partir daí, a gente passou a não entrar mais nas comunidades. *Agora, como mostrar o que estava acontecendo ali dentro? Durante um tempo isso ficou num hiato né? Mas depois com os telefones celulares com câmeras, isso começou a ficar muito normal. O próprio morador, a população, começar a gravar essas situações. É através dessas imagens que a gente consegue ter acesso ao que está acontecendo ali* (Jornalista 3, 2021, grifo nosso)³.

O Facebook e o WhatsApp, principalmente, ganharam protagonismo no fluxo de distribuição de flagrantes da violência urbana gravados por cidadãos que chegam aos telejornais. A maior parte dos vídeos que os jornalistas exibem nos noticiários são oriundos de espectadores, fontes oficiais e outros aplicativos associados à violência como o *Onde Tem Tiroteio* (OTT-R) e o *Fogo Cruzado*. A maior parte do material audiovisual é enviada através de

³ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

grupos no WhatsApp. Por isso, para os jornalistas entrevistados, o WhatsApp está no “topo” das plataformas digitais mais importantes para a produção telejornalística contemporânea:

[...] os canais hoje mais fundamentais é o Whatsapp, que tá no topo, tá no topo né? E o Facebook. Os dois estão no topo de coisas que você recebe ou de pessoas que estão no seu grupo ou de pessoas que no seu grupo acabam mandando pra você também (Jornalista 1, 2021, grifo nosso)⁴. [...] tudo chega pelo Whatsapp, quase tudo chega pelo Whatsapp. O que chega direto pra televisão, quase sempre chega assim, chega pelo Whatsapp (Jornalista 2, 2021, grifo nosso)⁵.

Isso significa que a ferramenta se tornou fundamental para o preenchimento dos noticiários, principalmente os mais longos, que tendem a dar mais destaque aos assuntos relacionados à violência. Ao observar os noticiários, percebeu-se que algumas notícias são feitas inteiramente com vídeos enviados por espectadores ou recolhidos de outras plataformas digitais. Essas notícias costumam ser apresentadas no formato denominado LOC VIVO ou notas cobertas, em que o jornalista descreve as cenas exibidas, mais do que contextualiza os fatos. Os flagrantes são priorizados na construção narrativa, as imagens captadas pelos cinegrafistas auxiliam ou entram quase como um complemento sobretudo nas notícias de crime. Diante da dependência da coprodução cidadã, na RecordTV e Rede Globo, por exemplo, o uso de um código QR (Figura 1) procura facilitar ao máximo o contato do telespectador com a redação para o envio mais rápido do conteúdo, enquanto o telejornal está no ar (Figura 2). Diariamente, em diferentes matérias (mas principalmente nas que retratam a violência) e telejornais, os apresentadores aparecem chamando o espectador para participar por meio do WhatsApp das emissoras.

[...] Nós temos um Whatsapp que, digamos que sem ele, hoje, não daria pra fazer o jornal que nós fazemos. Porque é um jornal que conta com a interação do telespectador. É um jornal que sem a participação do telespectador, ele não é feito, ainda mais um jornal tão grande. Muitas coisas chegam pra gente por esse Whatsapp. Agora, nós criamos até um QR Code pra facilitar, o telespectador não precisa memorizar o número, ele já aponta o celular pra tela e já salva no celular dele o nosso número e facilita o acesso (Jornalista 3, 2021, grifo nosso).

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 12 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

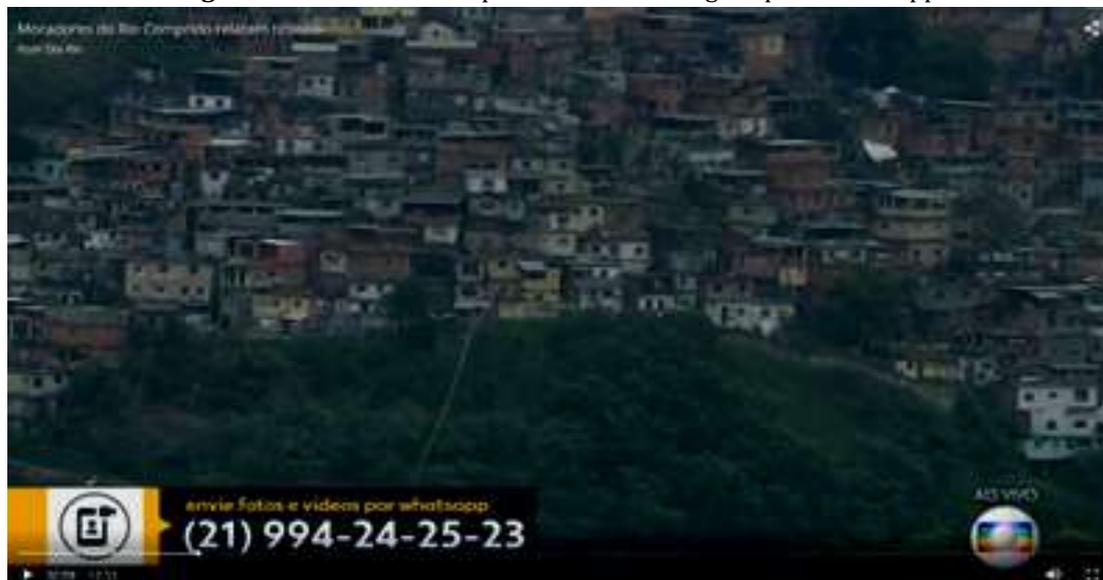
⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

Figura 1 - Exibição de número do WhatsApp e código QR nos telejornais



Fonte: Cidade Alerta Rio (2020).

Figura 2 - Convite ao vivo para o envio de imagens pelo WhatsApp



Fonte: Bom Dia Rio (2020).

A ferramenta também acaba cumprindo um papel importante na produção das matérias televisivas à medida que permite o contato mais rápido dos jornalistas com as fontes, o levantamento de dados, imagens e personagens. Parte do conteúdo recebido oferece até mesmo ideias para o desdobramento de pautas e reportagens:

[...] Na RecordTV, a gente trabalha totalmente com o uso do Whatsapp. O número é divulgado em todos os jornais. Então, é 24h você recebendo sugestões, você tendo moradores, policiais, autoridades, todo mundo se comunicando com a gente através do Whatsapp. A gente acaba recebendo muitos materiais, muitas sugestões pelo Whatsapp. [...] *eu uso totalmente hoje o Whatsapp. Ele é a nossa principal ferramenta de sugestões de pauta.* (Jornalista 9, 2021, grifo nosso)⁶.

A primeira parte do depoimento corrobora o que foi observado nos noticiários. O WhatsApp da emissora é divulgado diversas vezes, principalmente antes ou após a exibição de matérias relacionadas à violência. Isso nos leva a acreditar que a função primordial do *app* é permitir a obtenção de informações e flagrantes relevantes, especialmente das regiões de conflito, restritas ao trabalho dos jornalistas (Reis, 2018; Nunes, 2017). Daí os repórteres, produtores e editores participarem simultaneamente em diversos grupos, a fim de aumentar o contato com conteúdos que possam apresentar interesse jornalístico.

[...] notícia chegar até você, de certa forma, pelas imagens, (pela possibilidade) de receber vídeos. *A gente tem grupos no Whatsapp das equipes, dos jornais, dos jornalistas da casa e basicamente todo dia tá lá. Olha, recebi esse vídeo, recebi esse vídeo, tem que checar.* Ou olha, recebi agora há pouco na situação tal. Tem muito muito, muito. A gente recebe muito, com muita frequência e não deixa de ser uma forma de a gente ter como noticiar um fato que a gente talvez não consiga, não tenha estado naquela situação (Jornalista 4, 2021, grifo nosso)⁷.

Por outro lado, a presença dos jornalistas em dezenas de grupos implica aumento do volume de trabalho dos profissionais. Em primeiro lugar, os flagrantes de violência gravados por cidadãos podem circular repetidamente por diversos grupos e até outras redes sociais, o que demanda um grande esforço dos jornalistas na apuração da veracidade das imagens e na verificação da correspondência das gravações com o acontecimento relatado. Os jornalistas se preocupam com a possível exibição de conteúdos falsos ou fora do contexto. Essa preocupação parece ser ainda maior entre os ocupantes de cargos de chefia, uma vez que são eles os coordenadores da apuração e da cobertura como um todo.

Flagrantes de tiroteios ou de situações de violência extrema no Rio, quando aquilo aconteceu? Aquilo é de hoje realmente? Aquilo aconteceu hoje? Em que local? Porque as imagens, elas as vezes são as mesmas. Qual é a certeza que eu tenho de que aquela imagem publicada na Nova Brasília de um tiroteio foi da manhã do dia 28 de fevereiro? [...] Qual é a certeza absoluta que eu tenho

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 11 de março de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 19 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

que aquela imagem que tá sendo publicada naquela rede social é realmente um fato de algo que aconteceu naquele dia, naquele momento, daquela forma? (Jornalista 8, 2021, grifos nosso)⁸.

O impacto das tecnologias digitais nas rotinas profissionais, principalmente as preocupações com a desinformação, tem sido objeto de pesquisa com jornalistas de diferentes países do globo. O principal problema é que os métodos de apuração parecem insuficientes para evitar erros. Na Espanha, iniciativas como Newtral e Maldita.es têm procurado apoiar os jornalistas e cidadãos com a verificação de vídeos, ilustrações e fontes consideradas falsas. Os jornalistas são conscientes de que competem com outras narrativas disseminadas nas redes sociais e acham que os métodos de verificação tradicionais não conseguem dar conta dos desafios que enfrentam. Verificar textos é mais simples do que verificar vídeos e fotografias (Montemayor Rodríguez; García Jiménez, 2021). A velocidade de produção das notícias é apontada por jornalistas da Inglaterra e Austrália como outro fator prejudicial para uma apuração mais profunda e completa (Schapals, 2018). Outras vezes, por causa da pressa e da falta de experiência dos jornalistas mais jovens, simplesmente não se verificam as informações (Rodríguez-Fernandéz, 2019).

Nosso estudo mostra que, apesar de os jornalistas terem cuidados com a verificação, a intensidade do fluxo de flagrantes e o volume das imagens recebidas pode levar a imprecisões e erros capazes de comprometer a clareza da informação, com reflexo na credibilidade dos jornalistas e dos noticiários. Os exemplos dados por dois informantes são bastante esclarecedores nesse aspecto:

[...] Há pouco tempo nós fizemos uma matéria policial e é um erro assim que não...é um erro, claro, não deveria acontecer. Mas uma imagem de uma operação, vamos supor, uma operação na favela de Manguinhos que é aqui na Zona Norte do Rio de Janeiro. Policiais estavam lá incursionando, operação com caveirão, com tudo. *De repente, entrou uma imagem que não era daquela operação, daquele dia. Era uma imagem de uma outra operação, numa outra parte da cidade, que era aqui na Cidade de Deus.* [...] *O colega no meio das muitas imagens que chegaram através do WhatsApp, na hora de fazer aquele apanhado e mandar para o editor, ele acabou colocando uma imagem enganosa, de uma outra operação, no meio daquela imagem. Pro telespectador que está em casa, talvez tenha passado batido, mas pra aquele morador da Cidade de Deus, ele vai reconhecer. Caramba, isso foi aqui na minha comunidade* (Jornalista 6, 2021, grifo nosso)⁹.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 28 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 25 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

[Aconteceu] de recebermos de alguma fonte ou no WhatsApp da emissora, uma série de fotos e vídeos flagrantes de pessoas que teriam sido eventualmente vítimas ou cúmplices de determinados crimes e *essa imagem, essa foto, ter sido veiculado e depois vieram e-mails, reclamações de que aquela pessoa não era quem estava sendo retratada no vídeo. Era alguém muito parecido*. Nem sempre a gente sabe porque a foto daquela pessoa foi parar no meio daquele conteúdo. Não consigo ser mais específico do que isso. Mas, isso já vi acontecer mais de uma vez. *Infelizmente* (Jornalista 11, 2021, grifo nosso)¹⁰.

Assim como jornalistas de outros países, no Brasil, os profissionais lançam mão de ferramentas tradicionais para apurar. Recortam pedaços de imagens e tentam verificar através do Google, ampliam a imagem em busca de pistas que possam ajudar na verificação. O “mar” de imagens que inundam as redações de televisão demandam checagem em prazos de tempo cada vez mais curtos. Dessa maneira, o fluxo de flagrantes da violência se tornou uma solução, mas também um problema, na medida em que aumenta as tarefas e a responsabilidade dos profissionais da imprensa, tal como observado em pesquisas anteriores.

Isso é um grande problema. Isso é o maior problema, o maior desafio que a gente enfrenta. Nem tudo cem por cento a gente consegue checar imediatamente, verificar imediatamente o que chega. Muitas vezes, eu tenho uma imagem muito boa e eu não posto aquilo no ar se eu não tenho algo que me garanta que aquilo foi aqui (Jornalista 12, 2021, grifo nosso)¹¹.

Outras vezes, a verificação demanda muito tempo dos jornalistas e habilidades para a identificação de informações falsas. Em redações menores, isso, de fato, é um problema. Esse desafio tem implicado o desenvolvimento de estratégias organizacionais e rotinas de produção que visam lidar com a pressão do tempo. Ao entrar em contato com um flagrante de violência de interesse jornalístico, os profissionais procuram acionar diferentes fontes ao mesmo tempo, sem a certeza de que irão obter respostas assertivas que lhes permitam usar o material. Isso fica mais claro na fala dos jornalistas em destaque abaixo.

Você tem que mandar o vídeo pra polícia pra que a polícia veja. Por que tem horas que nem a polícia sabe com o que a gente está lidando, entendeu? Porque é muita coisa pra própria polícia (Jornalista 2, 2021, grifo nosso). *O vídeo vai ser enviado pra polícia militar, pra polícia civil, pra órgãos competentes dependendo do que for o vídeo. [...] Em casos envolvendo inclusive policiais civis e militares, encaminhados ao Ministério Público pra apuração. A notícia vai ao*

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

ar no momento em que uma dessas fontes, que são consideradas oficiais, dizem que ou vão apurar aquela informação ou que a informação já foi apurada e que tal coisa aconteceu. (Jornalista 8, 2021, grifo nosso).

Há um aspecto interessante deste último trecho que merece ser evidenciado. Ele diz respeito ao resultado da apuração que, apesar dos esforços dos jornalistas, pode continuar inconsistente. Em determinados casos, mesmo que não obtenham a confirmação do órgão para o qual enviaram os vídeos, os jornalistas tendem a dar a notícia se tiverem somente a indicação de que o fato será apurado pela fonte oficial. Mas, a persistência da incerteza sobre a origem e a veracidade de algumas imagens, principalmente quando são consideradas relevantes para a composição dos telejornais, pode colocar os jornalistas diante do dilema entre não divulgar a matéria, podendo ser “furado” pelos concorrentes, ou divulgá-la, mas correndo o risco de se basear na apuração indireta, realizada pelos profissionais de outros órgãos de comunicação. Essas duas possibilidades são evidenciadas nas entrevistas dos Jornalistas cinco e 13 (2021), respectivamente:

Aí é o nosso trabalho, da nossa produção e da nossa apuração. [...] Muitas vezes, a gente não consegue e quando a gente não consegue, a gente não pode dar a imagem. Simples assim (grifo nosso)¹². É, não é verificado cem por cento. O G1, a Globo deu a imagem, então, vamos dar também. Não confirmou cem por cento, mas se a Globo deu, dá também pra não perder aquele time lá da notícia (grifo nosso)¹³.

Em algumas emissoras, a falta da verificação é motivo suficiente para não exibir a notícia. Em outras, porém, há uma apropriação da apuração realizada por jornalistas de estações de TV concorrentes. Assim, a notícia é dada sem a verificação do corpo de jornalistas da organização. É preciso considerar ainda que a dificuldade de apurar determinadas ocorrências a partir da circulação de flagrantes pode variar entre os telejornais. Os noticiários produzidos durante a madrugada para serem exibidos no começo da manhã, por exemplo, lidam com a escassez de fontes oficiais disponíveis nesse horário, o que acaba sendo um fator determinante para que os repórteres e editores adotem estratégias diferentes. Nessas situações, os jornalistas procuram se basear na quantidade de pessoas envolvidas na repercussão de um mesmo assunto em outras redes sociais digitais. Quanto mais pessoas estiverem comentando ou fazendo postagens, maior é a probabilidade de um evento de violência estar acontecendo. Dito de outro modo, o engajamento costuma ser interpretado

¹² Entrevista de pesquisa concedida em 23 de fevereiro de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

¹³ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de março de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

pelos jornalistas como confirmação de uma ocorrência, o que significa que os flagrantes podem ser processados e exibidos sem maiores objeções. Apesar de extenso, o depoimento abaixo é bastante revelador nesse sentido:

Não são 20 pessoas, que não se conhecem, que decidiram mandar mensagens às 6h da manhã pra TV Globo, pra falar que tá tendo tiroteio, mandar vídeo pra TV Globo, pra falar que tá tendo tiroteio. Alguma coisa está acontecendo. São pessoas diferentes, mandando mensagens de diferentes áreas, alguma coisa está acontecendo. [...] A gente vai passar para o público aquilo que a gente tá recebendo até de uma forma transparente. A gente fala isso ao vivo. A gente tá recebendo mensagens de moradores dizendo que está acontecendo um tiroteio na região tal, eles estão mandando vídeos pra gente. *Se a gente não conseguiu confirmar (pensativa), muitas vezes o secretário de polícia militar está assistindo aquilo, o comandante do batalhão está assistindo aquilo, a assessoria de imprensa está assistindo aquilo e isso mobiliza. [...] Isso é uma situação que é recorrente e aí eu acho que é o importante de você noticiar aquilo mesmo que ainda não tenha a confirmação do órgão oficial, que você tenha a confirmação das testemunhas, que você tenha a fala daquelas pessoas, a mensagem daquelas pessoas que moram ali.* Aquilo é uma coisa que vai interferir na vida das pessoas. *Você vai deixar de avisar à população de que aquilo está acontecendo porque a gente ainda não tem uma confirmação oficial?* (Jornalista 4, 2021, grifo nosso).

Na esteira deste argumento, outros jornalistas associam a exibição de determinados flagrantes sem apuração ou confirmação de fontes oficiais à uma espécie de “tirania da audiência”: *“Confesso que, dependendo da repercussão daquela imagem, a imagem vai ser dada sem a informação [...] Aí com base no quanto aquilo ali chama de audiência, aquela imagem vai ao ar mesmo sem apuração. Porque ela é chocante, ela vai ao ar”* (Jornalista 8, 2021, grifosnosso).

Pelo menos duas emissoras (Rede Globo e RecordTV) implantaram softwares de organização de dados com o objetivo de auxiliar os jornalistas na busca de arquivos, mensagens e na seleção dos flagrantes. Esses programas funcionam como uma espécie de sistema colaborativo que também convoca os produtores e editores a organizar o material e separar o conteúdo a ser utilizado na edição das matérias, evitando a perda de conteúdo:

[...] Esse sistema tanto filtra mensagens quanto vídeos enviados pra gente. Tá tudo ali e, ao toque de um botão, eu faço download daquilo, jogo pro nosso sistema, já vai pra ilha de edição, claro, passando por todo aquele processo de apuração, já vai pra ilha de edição, já pode ser editado, já pode ir pro ar. [...] Ele filtra tudo isso numa base de dados e nós temos ferramentas de pesquisa, e conseguimos várias questões lá, várias histórias (Jornalista 3, 2021, grifo nosso). [...] Hoje, já existem programas que gerenciam o WhatsApp pra que mais de uma pessoa possa ter acesso ao mesmo tempo àquele mesmo número de telefone que está recebendo mensagens e possa salvar e localizar aquele

material sem que aquilo se perca no meio de milhões de mensagens (Jornalista 11, 2021, grifo nosso).

Na Band, esse filtro é feito individualmente pelos produtores, sem qualquer auxílio de programas computacionais ou ferramentas de automação. Das quatro emissoras pesquisadas, apenas o SBT descontinuou o número do *app* para o contato com o público. O monitoramento da ferramenta ficava a cargo de estagiários e, embora reconheçam a utilidade e importância do WhatsApp, os jornalistas entendem que o trabalho deveria ser feito por um profissional mais experiente, devido ao “[...] alto fluxo de notícias que tinha” [...] e “[...] muita gente mandando muita coisa [...]”. Sendo assim, “[...] por conta da equipe reduzida não deram conta de continuar tocando esse WhatsApp [...]” (Jornalista 10, 2021)¹⁴. De todo modo, os jornalistas continuam utilizando o aplicativo de forma individual para o contato com fontes e assessorias de imprensa. Como o WhatsApp não é mais usado institucionalmente pelos telejornais, um dos jornalistas passou a exercer a função de “produtor digital”, que consiste em gerenciar e abastecer as redes sociais dos noticiários, fazendo ainda o monitoramento das mensagens e do conteúdo que chegam através das caixas de diálogo.

Por fim, há outros aspectos da utilização do WhatsApp na cobertura da violência urbana que merecem ser abordados. Ele diz respeito à proteção dos próprios telespectadores residentes nas áreas de conflito. Muitos vídeos são gravados nos espaços internos das casas ou em lugares de fácil identificação. Alguns revelam a voz e o rosto das pessoas, o que pode colocá-las em situação de vulnerabilidade por estarem lidando com eventos graves, relacionados ao universo da criminalidade. Sendo assim, além das preocupações naturais com a apuração, os jornalistas têm o trabalho adicional de solicitar autorizações de uso de imagem e recorrer a recursos de edição para impedir o reconhecimento dos cidadãos:

Mesmo eles enviando pro nosso WhatsApp, a gente tem que pedir autorização pra eles pra exibir esse material. A partir do momento que eles autorizam, a gente dá. Muitas vezes, eles mandam vídeos com narração. A gente tem que perguntar se a gente pode usar a narração. Temos o cuidado em pautas de segurança, de violência, de não identificar aquela pessoa mesmo sem ela pedir. A gente bota um efeito de áudio e se aparecer o rosto, a gente borra o rosto justamente porque muita gente manda e não tem a menor noção que está correndo risco ao mandar (Jornalista 3, 2021, grifo nosso).

¹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2021, na cidade de Rio de Janeiro.

O aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp ocupa lugar de destaque na produção noticiosa da televisão, sendo constantemente acionado pelos apresentadores e repórteres no chamamento à coprodução pela audiência. O acompanhamento das edições locais dos telejornais das quatro principais emissoras do Rio de Janeiro nos mostra que a ferramenta constitui o meio mais importante de contato entre jornalistas e o cidadão-telespectador, sendo o último um agente fundamental para a obtenção de informações e flagrantes de eventos relacionados à violência urbana.

6 Discussões e considerações

Em *Os Elementos do Jornalismo*, Kovach e Rosensteil (2004) procuram abordar a sua finalidade e os seus fundamentos em um momento de grandes transformações como a chamada Era da Eletrônica. Dizem os autores que “[...] a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia-a-dia”. Os princípios e finalidades do jornalismo, concluem, “[...] são definidos por alguma coisa mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas” (Kovach; Rosensteil, 2004, p. 30).

As notícias somente podem produzir a autonomia e a autogovernança dos cidadãos se lhes oferecerem as condições necessárias para a tomada de decisões que, em última análise, levem ao bem comum. A apuração e verificação das informações são fundamentais para diferenciar o jornalismo de outras práticas sociais. Não basta informar, para ser jornalismo, é preciso informar de modo qualificado e isso está para além de uma redação clara e atraente, significa antes de mais que a informação seja verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente (Reginato, 2020, p. 51).

Neste estudo, nossos informantes demonstram saber a importância da apuração e da ética profissional, também compreendem o seu valor em um cenário de competição de narrativas. Nesse aspecto, as plataformas digitais e as novas tecnologias trouxeram algumas vantagens, mas também grandes desafios. Como abordamos no enquadramento teórico, outras pesquisas já mostraram como o uso do WhatsApp tem impactado a produção jornalística radiofônica, a homogeneização das notícias e o trabalho das assessorias, mas poucos estudos têm discutido a correlação entre o uso do *app*, o fluxo de imagens e os problemas enfrentados pelos jornalistas de televisão na verificação desse tipo de conteúdo.

Na TV, as rotinas dos jornalistas e as notícias são organizadas em função do tempo e, ao que tudo indica, os jornalistas têm tido cada vez menos tempo para apurar, o que implica exibir notícias com o mínimo de verificação. “[...] Vai pro ar porque a imagem é muito forte. Ele

[o VT] vai pro ar com mínimo de informação que a gente tiver” (Jornalista 12, 2021). Essa prática parece ir de encontro aos princípios do jornalismo apontados por Reginato (2020) e Kovach e Rosensteil (2004). Ao abrir mão da verificação completa de um fato e da sua contextualização, o jornalista parece abrir mão daquilo que o diferencia dos demais cidadãos não-jornalistas, capazes de produzir e disseminar informação.

A supervalorização dos flagrantes na cobertura da violência urbana está relacionada com dois fatores distintos. O primeiro e mais importante deles diz respeito ao distanciamento dos jornalistas das áreas de conflito armado desde 2002, em decorrência da morte de profissionais em coberturas dessa natureza. As principais empresas adotaram protocolos de segurança para as chamadas “coberturas de risco” e passaram a salvaguardar a integridade físicas dos jornalistas proibindo a entrada em regiões conflagradas. Esse distanciamento, porém, levou os jornalistas a procurarem outros meios para “estar presentes” nesses espaços, o que coloca em evidência o uso das novas tecnologias, das redes sociais digitais e de aplicativos como o WhatsApp.

Em segundo lugar, os flagrantes são um material valioso pelo potencial que apresentam para chamar a atenção da audiência, sobretudo na cobertura da violência urbana. Tais registros são importantes na televisão porque conseguem despertar a emoção do espectador, prendendo sua atenção à tela pelo choque provocado no contato visual com as cenas espetaculares exibidas para serem vividas, mais do que pelo teor informativo contido nas imagens. Essa compreensão dos flagrantes está assente no argumento de Jost (2010, p. 101) ao sugerir a existência de um conteúdo imagético que é da ordem do sensível. O autor refere-se a ele como “imagem violenta”, na medida em que “permite viver um acontecimento, porque constrói, por sua enunciação, uma humanidade por trás da câmera”. Essa capacidade pode ser determinante para seleção e exibição dos flagrantes, como frisou um dos nossos informantes: “Porque ela é chocante, ela vai ao ar” (Jornalista 8, 2021).

Com a observação dos noticiários, pudemos notar a valorização dos flagrantes de violência nos telejornais. Tais imagens costumam ser exibidas em destaque na abertura dos programas, conduzem a narrativa, podendo, inclusive, ser repetidas antes e depois das matérias, alimentando os comentários dos apresentadores. Normalmente, as imagens são acompanhadas de sons, sejam eles de confrontos armados ou da narração de eventos por parte de cidadãos, o que acaba por exigir a utilização de recursos de edição capazes de evitar a identificação das pessoas. O cidadão-telespectador é constantemente acionado e estimulado a atuar como coprodutor da notícia através do envio de informações e flagrantes pelo WhatsApp

das emissoras de TV. Esse chamamento ocorre até mesmo enquanto os telejornais estão no ar, sugerindo a existência de uma comunicação instantânea e eficaz com a equipe de produtores dos telejornais.

A principal vantagem da utilização do WhatsApp pelos noticiários é a obtenção de flagrantes de violência, especialmente de lugares onde os jornalistas e os cinegrafistas não podem estar, e sem os quais não seria possível produzir matérias mais atraentes e completas do ponto de vista imagético. Outros benefícios apontados são a agilidade no contato com as fontes, apesar de essa agilidade nem sempre resultar em apurações consistentes; a possibilidade de uma melhor composição das peças com personagens e suas histórias testemunhais; e a possibilidade de desdobrar e até ampliar a cobertura.

Mas, o fluxo intenso e multidirecional dos flagrantes desafia os jornalistas com cargas mais elevadas de trabalho. O corpo redacional se sente obrigado a participar de dezenas de grupos de mensagens. Além disso, novas divisões de tarefas foram implementadas nas redações, com produtores e editores se revezando no acompanhamento das mensagens e na elaboração de pedidos de autorização de imagem, por exemplo. Duas das emissoras pesquisadas instalaram programas computacionais para tentar organizar e filtrar textos, áudios e vídeos, e auxiliar o trabalho dos jornalistas. Numa terceira, porém, essas atividades ficam integralmente a cargo do corpo redacional. E numa quarta, o volume de mensagens simplesmente não pôde ser acompanhado, fazendo com que o WhatsApp deixasse de ser usado institucionalmente.

O principal desafio, no entanto, está relacionado aos processos de apuração. Por maior que seja o esforço coletivo dos jornalistas, apenas uma parte do conteúdo recebido pelo aplicativo é verificada e essa checagem costuma envolver muitas fontes de diferentes órgãos que, algumas vezes, não conseguem atender à demanda. Em outras situações, os jornalistas precisam ampliar os flagrantes nas ilhas de edição para tentar identificar pistas que possam levar à certeza quanto à veracidade das cenas e o local de ocorrência, o que nem sempre é possível. Isso deixa para os jornalistas a decisão de exibir um flagrante não verificado ou confiar na apuração indireta de órgãos de comunicação concorrentes. Isso explica os erros que podem afetar a clareza e a correção das matérias com reflexo na credibilidade dos telejornais, como revelam alguns depoimentos citados neste trabalho.

Nesse sentido, a utilização do WhatsApp nos telejornais pode ser compreendida, ao mesmo tempo, como uma solução e um problema. E, embora tenham consciência disso, o conjunto geral dos jornalistas não parece estar disposto a abrir mão da ferramenta na

cobertura noticiosa da violência urbana. Iniciativas como a Maldita.es, na Espanha, podem ajudar a traçar um caminho para a resolução da situação identificada neste estudo. Acreditamos que jornalistas, empresas de comunicação e iniciativas direcionadas à verificação e checagem podem trabalhar em conjunto através da promoção de cursos de literacia para os jornalistas e cidadãos ou até na idealização de um núcleo de apuração conjunta que possa envolver redações e aplicativos como o OTTRJ ou o *Fogo Cruzado*, por exemplo. Tal como as empresas jornalísticas se uniram e criaram um consórcio para apurar e divulgar números mais reais e atualizados durante a pandemia de covid-19, ações parecidas podem ser desenvolvidas para melhorar a cobertura da violência urbana, contextualizando as matérias e aprofundando e problematizando os assuntos, mais do que simplesmente exibindo vídeos com narrações pouco enriquecedoras para a compreensão das pessoas sobre aquilo que acontece ao seu redor.

Referências

ANGELUCI, Alan César; DONATO, Rita; SCOLARI, Gabriela. O WhatsApp como actante: o impacto do aplicativo interativo em redações jornalísticas. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 24, p. 195-214, 2017.

BOM DIA RIO. Flávio Fachel e Silvana Ramiro. Rio de Janeiro: Rede Globo, 4 set. 2020 e 7 out. 2020, 06h30. Duração 2h.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOYCE, Carolyn; NEALE, Pauline. **Conducting in-depth interviews: a guide for designing and conducting in-depth interviews for evaluation input**. Watertown: Pathfinder International, 2006.

CANAVILHAS, João; COLUSSI, Juliana. WhatsApp como plataforma de desinformação: estudio de caso de las elecciones presidenciales brasileñas. **International Visual Culture Review**, Madrid, v. 9, n. 3, p. 2-10, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37467/revvisual.v9.3519>. Acesso em: 19 out. 2023.

CASTRO, César; CASTRO, Adriana. Terinou o “apagão”. Facebook, Instagram e WhatsApp estão de volta. **JN**, Portugal, 4 out. 2021.

CAVALCANTI, Jivago Araújo. **Rotinas produtivas e novas mídias: o uso do whatsapp como ferramenta de produção jornalística**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social-Jornalismo) - Curso de Jornalismo, Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, 2016.

CIDADE ALERTA RIO. Ernani Alves. Rio de Janeiro: Record TV, 18 nov. 2020, 17h. Duração 1h45min.

DEUZE, Mark; BRUNS, Axel; NEUBERGER, Christoph. Preparing for an age of participatory news. **Journalism practice**, London, v. 1, n. 3, p. 322-338, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1080/17512780701504864>. Acesso em: 19 out. 2023.

DOURADO, Tatiana. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade: métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FIGARO, Roseli; MARQUES, Ana Flávia. Precarização e plataformização no mundo trabalho dos jornalistas. In: PATRICIO, Edgard (org.). **Transformações no mundo do trabalho do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2022. p.204.

FORT, Monica.; BRANCO, Carla Castelo. As redações móveis e o jornalismo produzido via WhatsApp. In: SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA, 1., Manaus, 2021. **Anais [...]**. Manaus: UFAM, 2021.

GEHRKE, Marília; BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. **Revista Fronteiras- Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.02>. Acesso em: 19 out. 2023.

GIACOMELLI, Fábio. Jornalismo no WhatsApp: o caso do portal português Observador. **Revista GEMInIS**, São Carlos, v. 11, n. 3, p. 146-161, 2020.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. Jornalismo online: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009.

KOVACK, Bill; ROSENSTEIL, Tom. **Os Elementos do jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Geração, 2004.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise Social**, Lisboa, v. 33, n. 148, p. 871-883, 1998.

MARQUES, Ana Flávia; KINOSHITA, Jamir; MOLIANI, João Augusto. Os arranjos de mídia alternativos e suas “redações virtuais”. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., São Paulo, 2018. **Anais [...]**. São Paulo: SBPjor, 2018.

MICK, Jacques.; KIKUTI, Andressa. O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa. **Plural**, v. 27, n. 2, p. 210-239, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2020.179830>. Acesso em: 19 out. 2023.

MONTEMAYOR RODRÍGUEZ, Nancy; GARCÍA JIMÉNEZ, Antonio. Percepción de los periodistas sobre la desinformación y las rutinas profesionales en la era digital. **Revista general de información y documentación**, Madrid, v. 31, n. 2, p. 601-619, 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5209/rgid.79460>. Acesso em: 19 out. 2023.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. esp., p. 184-189, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Acesso em: 19 out. 2023.

NUNES, Pablo. Crime e polícia no #RioDeJaneiro: relatos em páginas do Facebook. **Boletim Segurança e Cidadania**, Rio de Janeiro, n. 24, out. 2017.

OLIVEIRA, Juliana; FONSECA, Virgínia Pradelina. Subjetividades, estranhamentos e situacionalidades: contribuições da antropologia para a pesquisa em jornalismo. *In*: BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; RUBLESCKI, Anelise (org.) **Pesquisa em Comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria: Facos /UFSM, 2014. p. 109-132.

PEREIRA, Gustavo Teixeira de Faria; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. WhatsApp, desinformação e infodemia: o “inimigo” criptografado. **Liinc em Revista**, Brasília, v. 18, n. 1, p. e5916, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5916>. Acesso em: 19 out. 2023.

POLYDORO, Felipe da Silva.; COSTA, Bruno. A apropriação da estética do amador no cinema e no telejornal. **Líbero**, São Paulo, n. 34, p. 89-98, 2014.

PONTES, Felipe; MICK, Jacques. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 27, Belo Horizonte, 2018. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2018. p.1-19,

QUESADA TAVARES, Camila; XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe Simão. Os jornalistas brasileiros em contextos de crises: uma análise das trajetórias profissionais de 2012 a 2017. **E-Compós**, Brasília, v. 24, p. 2-21, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2040>. Acesso em: 19 out. 2023.

REGINATO, Gisele Dotto. Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 43-53, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p43>. Acesso em: 19 out. 2023.

REIS, Aline Grupillo Chagas. **A “ralé” do telejornalismo**: o jornalista amador na produção da notícia e os limites da autoridade jornalística na televisão. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

RODRÍGUEZ-FERNÁNDEZ, Letícia. Desinformación: retos profesionales para el sector de la comunicación. **Profesional de la Información**, León, v. 28, n. 3, e280306. ,2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2019.may.06>. Acesso em: 19 out. 2023.

SHAPIRO, Ivor *et al.* Verification as a strategic ritual. How journalists retrospectively describe processes for ensuring accuracy. **Journalism Practice**, London, v. 7, n. 6, p. 657-673, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.765638>. Acesso em: 19 out. 2023.

SÁ, Sónia Manuela Martins de. **Jornalismo integrador**: o noticiário televisivo na era da abundância informativa. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2019.

SCHAPALS, Alijosh Karim. Fake news: australian and british journalists' role perceptions in an era of "alternative facts". **Journalism Practice**, London, v.12, n. 8, p. 976-985, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2018.1511822>. Acesso em: 19 out. 2023.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia**: o flagrante único de coprodução no telejornalismo. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SCHUCH, Matheus; JORGE, Thaís de Mendonça. O uso do WhatsApp por jornalistas de rádio em Brasília: partilha e concorrência. In: Canavilhas, João *et al.* (org.). **Mobilidade e inteligência artificial**: os novos caminhos do jornalismo. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2022. p. 33.

STOKES, David; BERGIN, Richad. Methodology or "methodolatry"? An evaluation of focus groups and depth interviews. **Qualitative Market Research**, United Kingdom, v. 9, n. 1, p. 26-37, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/13522750610640530>. Acesso em: 19 out. 2023.

TEMER, Ana; TUZZO, Simone. Antoniaci. A entrevista como método de pesquisa qualitativa: uma leitura crítica das memórias dos jornalistas. **Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, Portugal, v. 3, p. 459-468, 2017.

WHATSAPP. **Sobre nós**. WhatsApp LLC, [s.l.], c2023.

WhatsApp and urban violence on television news: flow of images, challenges and new professional routines

Abstract

In this article, our objective is to understand the advantages and challenges of using WhatsApp in television news production, especially in the coverage of urban violence, with the purpose of discussing to what extent the flow of images that permeates the app affects professional routines. WhatsApp has become one of the most popular applications in the world for sending and receiving text, sound, and images, and television news also exploits its instantaneity in order to capture violence, especially in regions of armed conflict, hostile to the presence of reporters. In this study, we conducted 13 in-depth interviews with journalists from four Brazilian TV stations. This methodology was complemented by observing the news for a period of six months. In general,

journalists value the content of incidents sent via WhatsApp, as the tool has become fundamental for filling out the news, allowing access to images of violent events in certain territories hostile to coverage by the traditional press, not to mention the potential of the incidents to attract the audience. However, the intense and multidirectional flow of images requires more work from professionals in the verification processes, the development of new work routines, and the dilemma between showing or not showing content that has not been fully verified.

Keywords

WhatsApp; urban violence; images; television news

Autoria para correspondência

Aline Grupillo
aline.grupillo.reis@ubi.pt

Como citar

GRUPILLO, Aline; SERRA, Joaquim Paulo. WhatsApp e violência urbana nos telejornais: fluxo de flagrantes, desafios e novas rotinas profissionais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-130266, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.130266>

Recebido: 17/02/2023

Aceito: 13/10/2023



Copyright (c) 2023 Aline Grupillo, Joaquim Paulo Serra. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.